

Processos educativos na convivência em uma Banda Musical

Lenon Raul Tagliaro
lenontagliaro@gmail.com

Ilza Zenker Leme Joly
ilzazenker@gmail.com

Resumo: Essa pesquisa foi realizada a partir de uma proposta desenvolvida em uma disciplina de Mestrado em um programa de pós-graduação em Educação, em uma cidade do interior do estado de São Paulo. Ela é oriunda de um trabalho concluído que teve como etapas: construção de um referencial teórico, inserção em um contexto de prática social, coleta de dados com observação e construção de diário de campo e organização e análise dos dados. As observações para coleta dos dados foram desenvolvidas durante quatro apresentações musicais de uma Banda Musical de uma cidade do interior do estado de São Paulo, e a pesquisa como um todo teve a duração de um semestre. Com a perspectiva de que muitas relações de aprendizagem pudessem ocorrer entre instrumentistas e regente, instrumentistas e público, regente e público e, finalmente, entre instrumentistas entre si, durante as apresentações da banda, a questão de pesquisa deste trabalho foi: quais processos educativos são decorrentes dessa convivência em apresentações musicais de uma Banda Musical de uma cidade do interior do estado de São Paulo? A partir da questão de pesquisa, constituíram-se como objetivos: identificar e compreender os processos educativos decorrentes da prática musical coletiva nas apresentações musicais da banda; analisar os processos de aprendizagem musical e extramusical que emergem da convivência entre músicos e musicistas durante essas apresentações da banda. Um dos pesquisadores, que realizou a coleta de dados, participa na Banda Musical como instrumentista, arranjador e regente assistente. Embora os momentos de coleta ficassem circunscritos às apresentações, foram considerados os vínculos que consolidaram as práticas sociais e os processos educativos, que são, naturalmente, oriundos dos inúmeros encontros para estudos, ensaios e apresentações variadas. A pesquisa evidenciou que há processos educativos que acontecem em grupos musicais coletivos, sejam eles relacionados às interações sociais, ou ainda relacionados às interações musicais e artísticas. De encontros e convivências musicais surgem processos educativos extramusicais, por meio dos quais se conhece um pouco mais das dificuldades das pessoas, das relações de amizade, das relações com o público.

Palavras chave: processos educativos, banda musical, convivência.

Introdução

Esse trabalho foi realizado para a conclusão de uma disciplina de Mestrado em um programa de pós-graduação em Educação, em uma cidade do interior do estado de São Paulo. Segundo Oliveira et. al. (2014a), em 1990 criou-se uma disciplina para doutorado sobre práticas sociais e processos educativos na qual docentes e estudantes, por meio da inserção em práticas sociais, identificavam, criavam e aplicavam procedimentos de pesquisa que permitissem apreender posturas, atitudes e valores que nessas práticas eram construídos, aceitos, valorizados, ensinados. A partir das investigações realizadas os/as pesquisadores puderam pressupor que em todas as práticas sociais há processos educativos, inclusive nas escolares. Essa disciplina hoje também é oferecida ao mestrado e os princípios que a orientam têm-se estendido na formulação e desenvolvimento de disciplinas de cursos de graduação, como Pedagogia e Enfermagem. Em 2005, a temática tornou-se de uma linha de pesquisa do programa, na qual seus integrantes se esforçam para propiciar a formação de pesquisadoras e pesquisadores cujos trabalhos possibilitam intervenções em processos educativos situados na América Latina.

Para Oliveira et al. (2014a), *práticas sociais* decorrem de e geram interações entre os indivíduos e entre eles e os ambientes, natural, social e cultural em que se encontram. Desenvolvem-se no interior de grupos, instituições, com o propósito de manter a sobrevivência material e simbólica das sociedades humanas, podendo enraizar, desenraizar ou levar a criar novas raízes. As autoras e autores revelam passos importantes no que diz respeito à inserção e interação do pesquisador com a comunidade. Esclarecem-nos que no processo de pesquisar, nossa visão de mundo é claramente exposta no referencial de partida e, durante o pesquisar, essa visão é retomada para ser ampliada, questionada, reposicionada e ressignificada.

Segundo Oliveira et al. (2014a), o envolvimento pelo trabalho, a vontade de melhor conhecer, de conviver, atribuem ao fazer ciência um desejo de tornar-se mais humano, de humanizar-se no sentido de vida mais justa, proporcionando amorosidade, acolhimento, indignação, esperança, simplicidade e colaboração. Com relação ao fazer científico, Brandão



(2014) acredita que a finalidade do conhecimento - embora o autor não defenda uma ciência originalmente utilitária - é principalmente a de buscar, criar, consolidar, desmontar, rebuscar e recriar respostas às verdadeiras necessidades humanas, e a finalidade última de todo conhecimento para ele é o partilhar na construção da felicidade entre todas e todos os seres vivos. Para ele, toda pesquisa, seja ela qual for, deveria desaguar em uma das dimensões de uma ação social.

Contexto da pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida em uma Banda Musical de um município também de uma cidade do interior do estado de São Paulo. Atualmente a banda é constituída por 23 instrumentistas fixos¹ (três clarinetistas, quatro saxofonistas, quatro trompetistas, quatro trombonistas, um tubista, um baterista, dois percussionistas, um baixista, dois tecladistas, uma violonista) e a regente. Dentre os músicos e musicistas se encontram pessoas de 18 até 81 anos de idade. Inclusive, quatro desses músicos tocavam em uma antiga banda da cidade.

Com a perspectiva de que muitas relações de aprendizagem pudessem ocorrer entre instrumentistas e regente, instrumentistas e público, regente e público e, finalmente, entre instrumentistas entre si, durante as apresentações da banda, a questão de pesquisa deste trabalho se apresenta da seguinte forma: quais processos educativos são decorrentes dessa convivência em apresentações musicais de uma Banda Musical de uma cidade do interior do estado de São Paulo?

A partir da questão de pesquisa, constituem-se como objetivos: identificar e compreender os processos educativos decorrentes da prática musical coletiva nas apresentações musicais da banda; analisar os processos de aprendizagem musical e extramusical que emergem da convivência entre músicos e musicistas durante as apresentações da banda.

¹ Esse número de instrumentistas é fixo porque quando algum/a integrante deixa de tocar na banda, imediatamente outro músico ou musicista com a mesma função passa a fazer parte do grupo. Entre os/as instrumentistas fixos não se encontram os/as que tocam voluntariamente na banda, ou seja, aqueles/as que participam dos ensaios e eventuais apresentações sem a ajuda de custo repassada pela Prefeitura.



Para Oliveira et al. (2014a), pesquisar processos educativos em práticas sociais requer a realização de uma cuidadosa e paciente *inserção* dos pesquisadores na comunidade ou instituição pesquisada. Para essas autoras e esse autor,

Essa inserção deve se dar na tentativa de assumir o lugar de um integrante, procurando olhar, identificar e compreender os processos educativos que se encontram naquela prática social. Isto só é possível quando somos acolhidos, nos dispomos a ser acolhidos e a acolher. Participar com a intenção de compreender, não para julgar. Esta inserção é insuficiente se ficar apenas no olhar e não houver participação ou se ficar apenas na procura de resultados, sem se perguntar sobre o processo (OLIVEIRA et al., 2014a, p. 39-40).

A inserção que deu escopo a este trabalho foi realizada com o grupo de músicos e musicistas da referida Banda Musical, na qual um dos pesquisadores participa como instrumentista, arranjador e regente assistente. As inserções ocorreram durante quatro apresentações públicas desse grupo musical. Geralmente, as apresentações duraram em média uma hora e meia, desde o início da montagem dos instrumentos até o final da desmontagem dos mesmos. É importante ressaltar que essas apresentações constituíram apenas o momento em que se fez o recorte para coletar os dados. Portanto, elas não são unidades autônomas de aprendizado, elas fazem parte de uma prática social que inclui ensaios, encontros e apresentações em diferentes lugares.

Para pesquisar as práticas sociais e os processos educativos que se deram em algumas apresentações musicais da referida Banda Musical, é preciso ressaltar que essas apresentações fazem parte deste contexto e são inerentes ao processo de educação musical. Nelas é que se completa o ciclo de troca expressiva, com o público, daquilo que se construiu ao longo dos estudos e ensaios.

Dividiu-se esse espaço de inserção em dois momentos: o primeiro durante a montagem dos instrumentos, na qual os músicos e musicistas trocaram diálogos, experiências e aprendizagens; o segundo momento ocorreu na convivência e interação entre os/as integrantes da banda durante a execução das músicas e no curto intervalo entre elas.



Este trabalho teve como procedimento metodológico a observação participante, e como instrumento de coleta os registros de campo (também conhecidos como notas ou diários de campo). A partir da leitura de Bogdan e Biklen (1994), foi possível compreender as notas de campo como o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da coleta de dados de um estudo qualitativo e reflexão sobre esses dados.

Cruz Neto (2001), considera o diário de campo como o “amigo silencioso” do pesquisador, onde serão anotadas diariamente as percepções, angústias, questionamentos e informações coletadas em campo. Ele explica que o diário de campo é pessoal e intransferível e “sobre ele o pesquisador se debruça no intuito de construir detalhes que no seu somatório vai congrega os diferentes momentos da pesquisa” (CRUZ NETO, 2001, p.63). Segundo o autor, a elaboração dos diários de campo:

Demanda um uso sistemático que se estende desde o primeiro momento da ida ao campo até a fase final da investigação. Quanto mais rico for em anotações esse diário, maior será o auxílio que oferecerá à descrição e à análise do objeto estudado (CRUZ NETO, 2001, p.64).

No que diz respeito à relação de intersubjetividade entre pesquisador/a e participantes da pesquisa, Lopes et al. (2002, p. 134) esclarecem que “ao descrever fatos, situações, gestos e acontecimentos sobre uma realidade conhecida e mediada pela teoria, está já realizando um processo interpretativo” e que na medida em que essa perspectiva tem um embasamento teórico adequado, ela pode se tornar dialética. Para os autores e a autora:

O movimento de compreensão da realidade através do Diário de Campo [...] avança em direção ao movimento dialético entre um olhar mais aprofundado e o olhar atento do pesquisador sobre a realidade. Passa pela questão da relação intersubjetiva entre o pesquisador e os sujeitos da realidade pesquisada. E por fim, culmina auxiliando a realização do processo interpretativo (ou análise) do pesquisador/a ou do grupo de pesquisa (LOPES et al., 2002, p.134).

É de fundamental importância que o/a pesquisador/a esteja consciente de que a interação respeitosa com o *Outro* requer acolhimento, espírito solidário, diálogo e convivência. al., 2014, p. 128-129).

Apresentação dos dados

Neste tópico foram analisadas as informações coletadas em campo, divididas em cinco unidades de significado na pesquisa original, mas que aqui serão apresentadas apenas 3 das unidades de significado, considerando os limites de palavras permitidas para submissão.

Em um primeiro momento, alguns recortes dos pelos pesquisadores:

Unidade de significado 1: Processos educativos musicais

Aproximei-me de um grupo de três rapazes que comentava especificamente sobre determinados trechos de uma música que foi ensaiado no dia anterior ao da apresentação e não foi resolvido. Os rapazes eram trompetistas da banda e comentavam que alguns trechos da música “Canção do Exército” precisavam ser revistos e a música deveria ser repassada no ensaio seguinte, justamente porque na concepção deles, a execução da percussão e da base harmônica precisava ser aprimorada.

Os meninos mais jovens se reuniam em um quarto grupo, junto ao trompetista com maior idade, totalizando cinco pessoas (eu estava inserido nesse grupo). Nesse conjunto de pessoas falávamos sobre música. O trompetista mais jovem começou a nos contar como foi o musical da Broadway que assistiu na semana anterior na Sala São Paulo. Ele nos contou como ficou impressionado com a performance dos cantores e principalmente da orquestra que tocou. Nos explicou que o teatro estava lotado e que valeu muito a pena ter assistido o musical. Enquanto ele nos contava isso, outros dois rapazes perguntavam sobre a orquestra, sobre os cantores, se eram brasileiros ou estrangeiros etc., e o trompetista nos explicava com detalhes o que presenciara no teatro.

Diálogos como esses representados acima são bem comuns em grupos de música. Quando dois ou mais músicos ou musicistas se reúnem para conversar, há uma grande possibilidade de parte dessa conversa estar relacionada à música, em suas mais variadas áreas: interpretação, composição, apreciação, etc. No primeiro trecho, o assunto musical diz respeito à intenção de aprimoramento da banda. Há uma aparente preocupação de três músicos com a qualidade de execução musical em um dos ensaios do grupo. Segundo eles, alguns trechos de uma determinada música precisariam ser mais trabalhados nos próximos ensaios para que



possíveis falhas de interpretação fossem corrigidas. É importante observar o senso crítico desses músicos que procuram sempre aprimorarem-se enquanto intérpretes e ambicionam por produzir música com qualidade. Observa-se também que são músicos de sopro que comentaram sobre a execução da percussão e da base harmônica (teclados, violão e baixo elétrico). Ou seja, para que o grupo todo toque bem é necessário que cada um/a contribua da sua maneira, dando o melhor de si, tendo como resultado bons concertos e o bom reconhecimento do público. Assim sendo, os músicos e musicistas reconhecem a sua importância para o grupo e sempre que necessário auxiliam aqueles/as que sentem dificuldades, sejam eles/as do mesmo naipe ou não.

A aprendizagem entre os integrantes se encontra no momento da montagem e desmontagem dos equipamentos nas apresentações da banda. Para cada apresentação, um pequeno grupo de músicos/musicistas (de quatro a cinco pessoas) fica responsável por realizar a montagem e desmontagem da banda. A cada semana é feito o rodízio desses grupos e todos/as ajudam, sem exceção. Essa prática social possibilita que os integrantes de cada um desses grupos passe a conhecer o procedimento de montagem das caixas, posicionamento dos microfones, manipulação dos cabos, suportes, mesa de som etc.

Pelo que me parecia, esta experiência de estar tocando para tantas pessoas (aproximadamente 11 mil), possibilitou que a banda se concentrasse mais, e isso proporcionou uma sonoridade melhor do grupo, as músicas foram muito bem executadas, se formos comparar com as outras apresentações da banda.

Nesse sentido, acho importante refletir o que explicaria essa “melhor sonoridade” da banda. A tendência é que, principalmente, por estarem mais concentrados/as, os músicos e musicistas dediquem uma atenção maior ao que estão tocando, prezando mais pela sonoridade que extraem de seus instrumentos. Portanto, acredito que a prática musical vivenciada nas apresentações da banda possibilita a aprendizagem musical dos/as integrantes, já que nesses momentos em que estão expostos/as ao público, sendo observados/as por muitas pessoas, precisam estar suficientemente concentrados/as para executarem as peças musicais com



precisão técnica e equilíbrio emocional, superando a ansiedade e medo do palco: o famoso “frio na barriga”.

Unidade de significado 2: Conversas interativas sobre assuntos extramusicais

Logo em seguida me reuni a dois senhores da banda que comentavam sobre uma possível classificação do Futebol Clube e ascensão para a série A do Campeonato Paulista. No diálogo entre esses dois senhores, presenciei a exaltação de um deles ao falar sobre o time de futebol da cidade. Estava dizendo que essa era uma oportunidade evidente de classificação e que o time não poderia perder essa oportunidade. O outro senhor disse que gostaria muito de ir ao estádio assistir ao jogo, mas que infelizmente não poderia, pois tinha compromisso marcado.

Aqui estão evidenciadas conversas interativas sobre assuntos extramusicais. Parece-me que esse é fato que demonstra que os dois músicos tem assuntos de interesse comum e que tem motivações para estabelecer conversações enquanto esperam para começar uma apresentação musical. Talvez as interações entre eles comprove que “tocar na banda” é uma prática social, uma vez que proporciona oportunidades de contato, conversas, trocas de experiências, sensações, sentimentos, “torcidas” para que algo aconteça. É um espaço que, ao abrir oportunidades desses encontros, fomenta uma prática social saudável.

Unidade de significado 3: Diálogos não verbais

Começamos a tocar e de vez em quando o baterista, o baixista e eu nos olhávamos para “aprovar” as frases do baixista, a virada do baterista, os meus solos etc. [...] De vez em quando uma nota errada é tocada e não demora muito para que um ou dois músicos, discretamente, olhem para trás para entender o que aconteceu. Geralmente, esse/a músico/musicista que errou faz uma cara de desgosto ou simplesmente finge que nada aconteceu, ou que não foi com ele/a.

Esses olhares são parte de diálogos não verbais que ocorrem entre os/as participantes da banda. Enquanto a banda toca, fica inviável que o grupo converse por muito tempo, então esses olhares e sorrisos ganham espaço. Nem sempre são sorrisos de aprovação.



Há músicos na banda que conseguem identificar facilmente algumas notas erradas que de vez em quando aparecem durante a apresentação. É claro que na hora do ensaio o grupo trabalha para corrigir o que for necessário, com o objetivo de evitar possíveis equívocos na apresentação, mas estaríamos mentindo se dissessemos que nunca erramos nada. Às vezes para surpresa do grupo um/a instrumentista decide tocar algo que não está na partitura e que de fato tem um efeito sonoro interessante, e são nesses momentos que alguns se voltam para essa pessoa e sorriem como se estivessem gostado de ouvir aquilo. São pequenos retratos de que aí está acontecendo uma prática social e musical, na qual as pessoas dialogam, nem sempre falando, mas usando outros tipos de linguagem.

Conclusões

Talvez o que esse trabalho tenha evidenciado é justamente os muitos processos educativos que acontecem em grupos musicais coletivos, sejam eles relacionados às interações sociais, ou ainda relacionados às interações musicais e artísticas. De encontros e convivências musicais surgem processos educativos extramusicais, por meio dos quais se conhece um pouco mais das dificuldades das pessoas, das relações de amizade, das relações com o público.

Muitas vezes, como músicos e musicistas, temos dificuldades em explicar academicamente todas as dinâmicas e interações que acontecem em um grupo musical, principalmente se esse grupo tem como objetivo as interações e desenvolvimento humano, além do desenvolvimento musical. O cenário não é apenas musical, é antes de tudo, humano. Ele diz respeito às pessoas, seus desejos, suas expectativas, frustrações, potencialidades, limites, convivência. Por isso entendo e considero a prática social de tocar na banda como sendo única, diversa e complexa, musical e humana.

Referências Bibliográficas

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994, p. 150-175.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Prefácio. In: OLIVEIRA, Maria Waldenez; SOUSA, Fabiana Rodrigues (Orgs). *Processos Educativos em Práticas Sociais: pesquisas em educação*. São Carlos: EdUFSCar, 2014, p. 11-18.

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: Minayo, M. C. S. (org). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 51- 66.

LOPES, Dulcelaine Lucia; LIMA, Helton Souto; COSTA, Sidney Alves; RIBEIRO, Vandelei. O Diário de Campo e a memória do pesquisador. In: Whitaker, Dulce C. A. (org). *Sociologia Rural: questões metodológicas emergentes*. Presidente Venceslau: Letras à Margem, 2002. p. 131-134.

OLIVEIRA, Maria Waldenez; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; MONTRONE, Aida Victória Garcia; JOLY, Ilza Zenker Leme. Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. In: OLIVEIRA, Maria Waldenez; SOUSA, Fabiana Rodrigues (Orgs). *Processos Educativos em Práticas Sociais: pesquisas em educação*. São Carlos: EdUFSCar, 2014a, p. 29-46.